

A Jornada de Telêmaco *

GILBERT P. ROSE
Swarthmore College

Tradução: Leonardo Teixeira de Oliveira, 2007

Qual é o propósito da viagem de Telêmaco a Pilos e a Esparta?¹ Segundo alguns críticos, o poeta utiliza a viagem como um meio para relatar o retorno de alguns heróis aqueus² de Tróia e mostrar a célebre Helena de volta a Esparta³. Outro afirma que a ausência de Telêmaco permite a Homero apresentar os pretendentes, depois da tentativa de emboscada, como merecedores de impiedosa punição⁴. Ou que, por meio das aventuras de Telêmaco, o poeta revelaria algo de Odisseu através do relato de seus antigos companheiros⁵. Muitos pesquisadores sugeriram que a viagem é o instrumento para o desenvolvimento psicológico de Telêmaco, sua educação, sua conquista da maioridade e de força de caráter⁶, ou, como alguns expressaram, sua iniciação no mundo heróico de seu pai⁷.

Todos aqueles que respondem o problema em termos da caracterização de Telêmaco pelo poeta nos ajudam a apreciar a complexidade extraordinária da arte de Homero. Porém, todos esses críticos negligenciam a motivação imediata e repetidamente expressa de Telêmaco – nominalmente, buscar notícias de Odisseu. Talvez o fato de ele encontrar pouca informação

* ROSE, Gilbert P. "The Quest of Telemachus". In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 98 (1967), pp. 391-398.

¹ A jornada é narrada nos Cantos III, IV e V da *Odisséia*. A sugestão e os preparativos ocorrem nos Cantos I e II.

² G. S. Kirk, *The Songs of Homer* (Cambridge 1962) 359; W. J. Woodhouse, *The Composition of Homer's Odyssey* (Oxford 1930) 209.

³ Woodhouse (supra, nota 2) 209.

⁴ E. Delebecque, *Télémacque et la Structure de l'Odyssee* (Aix-en-Provence 1958) 137.

⁵ J. A. Scott, "The Journey Made by Telemachus and Its Influence on the Action of the Odyssey", *CJ* 13 (1917-18) 420-21.

⁶ Delebecque (supra, nota 4) 137; Kirk (supra, nota 2) 359; K. Reinhardt, *Von Werken um Formen* (Godesberg 1948) 47; Scott (supra, nota 5) 423-27; Woodhouse (supra, nota 2) 210, 212.

⁷ Um recente e importante expoente é H. W. Clarke, *The Art of the Odyssey* (Englewood Cliffs, N.J., 1967) esp. 31-32.

pertinente sobre seu pai os tenha levado a procurar outras razões para explicar uma aventura aparentemente tão improdutiva.

É, no entanto, a busca por notícias de Odisseu, com tudo o que esse desejo torna a implicar, o que responde nossa questão inicial. As observações feitas pela fala de Atena na partida do Olimpo fornecem a chave para essa resposta e definem a maior característica do papel de Telêmaco no poema.

Logo antes de deixar o Olimpo no Canto I, Atena anuncia brevemente que, primeiro, irá encorajar e instruir Telêmaco a convocar um conselho para denunciar os pretendentes; segundo, que irá mandá-lo para Esparta e Pilos a fim de que ele descubra o que puder sobre o retorno de seu pai e conquiste κλέος ἐσθλόν, uma boa reputação, entre os homens (I.88-95). Uma vez que Atena é completamente vaga sobre como Telêmaco irá adquirir seu *kleos esthlon* – ou seja, sobre qual será o significado em particular que seu *kleos* irá assumir – nenhuma interpretação da viagem em si pode ser encontrada nessa fala.

Contudo, quando outra vez Atena passa a discutir o assunto, o poeta esclarece sua intenção ao dispor com sutileza a estrutura da fala da deusa. Em 1.269 ff., a protetora de Odisseu entrega as instruções a Telêmaco por meio de uma fala tão notável que, ao observar a base de suas aparentes anomalias, Denys Page e outros argumentaram que a “Telemaquia” não pertence integralmente à *Odisséia*⁸. Uma excelente refutação é a resenha por F. M. Combellack de *The Homeric Odyssey*⁹ de Page. Para nossos propósitos, o que é notável é a precisão com que essa fala a Telêmaco, mais longa e mais elaborada como é, reproduz a mesma estrutura e conteúdo da fala anterior no Olimpo. O significado do *kleos* de Telêmaco, desse modo, se torna mais claro.

Assim como na fala anterior no Olimpo, as instruções de Atena a Telêmaco ficam sujeitas a dois tópicos – o conselho dos aqueus e a viagem a Pilos e a Esparta, nessa ordem. Porém, dessa vez ela diz a Telêmaco especificamente o que ele deve fazer no conselho: ele deve invocar os deuses como testemunhas para sua fala – o que, como disse Atena para Zeus (1.91), será finalmente uma denúncia contra os pretendentes –; deve mandar os

⁸ D. Page, *The Homeric Odyssey* (Oxford 1955) 53-63; Kirk (supra, nota 2) 229-30, aceita a visão de Page.

⁹ F. M. Combellack, *Gnomon* 28 (1956) 412-16.

pretendentes embora de sua casa; e deve proceder com a realização do casamento de sua mãe, se ela assim desejar (o que, como Atena e nós sabemos, não deseja).

Todos os três passos específicos constituem um grande alerta para os pretendentes¹⁰. Por que deveria o indefeso Telêmaco confrontar abertamente seus inimigos, mandando-os fazer o que mesmo ele sabe que eles não farão? A resposta é que esse alerta é o primeiro passo para um plano importante a que Telêmaco, sob a sugestão de Atena, está conscientemente se incumbindo – o plano de exigir vingança, *com ou sem seu pai*. Sob essas circunstâncias, comunicar um alerta tem o útil propósito de consentir que o antagonista mostre sua impiedade obstinada e, assim, prove a necessidade para a retaliação pretendida. A inevitável recusa de Penélope por se casar, junto da rejeição dos pretendentes diante do alerta, não deveria deixar dúvida na mente dos aqueus e dos deuses de que os pretendentes estão injustificável e imprudentemente se impondo sob a hospedagem dela e de Odisseu.

Mas a segunda parte da fala de Atena – com as instruções para a viagem – irá tanto demonstrar que a vingança é o plano de Telêmaco quanto revelar a relação de sua vingança com o significado de seu *kleos esthlon*. A deusa (1.279-96) aconselha Telêmaco a fazer a viagem e a descobrir qual a atual condição de Odisseu; ambos os pontos tinham sido expostos para Zeus. Ela também expande o segundo ponto, explicando do que irá depender a informação que ele irá receber. Se Odisseu vive, Telêmaco pode esperar mais um ano (1.287-88). E em seguida? Em seguida pai e filho iriam se unir em vingança, o que é tão óbvio que Atena não diz. Se Odisseu estiver morto, Telêmaco deve forçar a si mesmo à maioria e carregar o fardo da justiça sozinho (1.289-96) – ou seja, através do último ato de vingança ele se tornaria o herói do poema. Assim, ele deve pedir notícias de seu pai a fim de determinar o curso da vingança, e a viagem é necessária para tal inquirição.

E quanto ao terceiro e último ponto nas observações de Atena a Zeus (1.95)? A estrutura paralela de seu conselho a Telêmaco nos levaria a esperar, neste momento, um comentário sobre a conquista do seu *kleos esthlon*. O comentário está lá, indireto, mas altamente significativo (1.296-

¹⁰ Comparar H. Hommel, “Aigisthos und die Freier”, *Studium Generale* 8 (1955) 241-42.

302). Atena mantém sua exigência de que Telêmaco mate os pretendentes ao lembrá-lo da fama conquistada por aquele grande rapaz, Orestes, ao ter realizado um feito semelhante. Atena não apenas usa de fato a palavra *kleos* (1.298), como fecha sua exortação com o propósito estipulado, ἴα τίς σε καὶ ὀψιγόνων εὔ εἶπῃ (“Sê corajoso, porque também possam vindouros louvar-te”) (1.302). Telêmaco agora entende que seu *kleos esthlon* virá por meio da vingança, mas exigir vingança depende em parte de averiguar a verdade sobre Odisseu, que, por sua vez, exige a viagem a Pilos e a Esparta. Esta é a relação fundamental entre a viagem e a conquista de *kleos esthlon*¹¹.

Um crítico recente argumenta que Telêmaco pode conquistar *kleos* simplesmente por estar em Pilos e Esparta, por mera exposição a outros heróis e seus valores¹². Mais adiante ele declara explicitamente que “Odisseu age, Telêmaco reage”, e que “as experiências de Telêmaco, apartado da sociedade, são vicárias – ele ouve, observa, absorve”. Embora por um lado isso se aplique corretamente à postura de Telêmaco em Pilos e Esparta, por outro menospreza completamente a coragem de sua decisão em realizar a viagem, seu astucioso retorno para Ítaca, e, sobretudo, sua intenção heróica de recobrar sua *timê*. Certamente alguém deve fazer algo, algo corajoso e valoroso, para ser recompensado com *kleos esthlon* – que é como Orestes, o exemplo de Homero para Telêmaco, conquistou o seu¹³.

Esta interpretação não conta exclusivamente com a fala de Atena. Usando-se de Orestes como o modelo e do mesmo propósito crucial estipulado, Nestor, no Canto III, encoraja Telêmaco a cobrar sua revanche. A réplica de Telêmaco justapõe a grande fama de Orestes com o seu próprio desejo pelo mesmo *dynamis*, o poder de agir corajosamente (3.195-207).

As evidências para o meu entendimento ao tratar a viagem vieram, até aqui, das falas. Mas há, além disso, um outro caminho em direção a tal entendimento. A grandiosidade da *Odisséia* se deve em parte à habilidade do poeta no uso repetido de uma estória ou um nexos completo de motivos dentro

¹¹ Delebecque (supra, nota 4) 137 tem antes uma opinião diferente do significado de *kleos* neste contexto: “motif allégué par Athéna dans un moment de hâte” (“motivo alegado por Atena em um momento de ímpeto”).

¹² Clarke (supra, nota 7) Cap. 2, “Telemachus and the *Telemacheia*”. As citações a seguir aparecem na p. 41.

¹³ O poeta confirma que o resultado da visita de Atena é um novo *menos* e *tharsos* no *thumos* de Telêmaco (1.320-21).

do poema. Aplicar tal nexos de elementos do enredo e de características de personagens para mais de um grupo de personagens dota o poema de uma importante sorte de unidade.

Localizar motivos recorrentes não depende simplesmente de se encontrar ocorrências repetidas de uma palavra particular, fórmula, sistema formulaico, ou cena no poema. Ao invés, qualquer um desses elementos anteriores, mais a ação em si, inteiramente separada da linguagem específica, pode significar um “motivo”. Existem diversas abordagens populares sobre o épico homérico que, embora semelhante a esta, não devem ser confundidas com a busca por motivos que recorrem dentro de determinado padrão. Uma delas investiga a suposta ordem geométrica dos motivos;¹⁴ uma outra investiga as “cenas típicas” – às vezes chamadas de “temas” – tais como assembleias, banquetes, e assim por diante, que também são recorrentes¹⁵. Ainda uma outra emprega antropologia e o estudo comparativo do folclore como um meio de iluminar os supostos significados subliminares do poema¹⁶. Com respeito a esse último método, é verdade que muitos motivos são conhecidos por terem derivado, ou por poderem ter derivado, de uma tradição de conto popular;¹⁷ no entanto, investigar o folclore emitiria pouca luz na manipulação consciente, literária dos motivos, em que Homero era claramente perito. Para isto, o único recurso é o próprio texto.

À medida que o poeta frequentemente disfarça um motivo – de tal modo compelindo o crítico a observar com atenção para além da superfície do poema –, deve-se ter cautela para não enxergar um motivo disfarçado onde não exista motivo nenhum. No entanto, quando descobrimos com razoável certeza a recorrência de um motivo particular, deveríamos assumir que o poeta esperava que sua audiência tanto relembresse importantes

¹⁴ Críticos notáveis que postularam esse tipo de estrutura são, para a *Iliada*, C. H. Whitman, *Homer and the Heroic Tradition* (Cambridge, Mass., 1958) Cap. II, e, para a *Odisséia*, J. L. Myres, “O Padrão da *Odisséia*”, *JHS* 72 (1952) I-19.

¹⁵ Ver, por exemplo, A. B. Lord, *The Singer of Tales* (Cambridge, Mass., 1960) Cap. 4, e “Composition by Theme in Epos”, *TAPA* 82 (1951) 71-80; também, para uma abordagem análoga com a poesia oral em Inglês Antigo, ver D. K. Crowne, “The Hero on the Beach”, *Neuphilologische Mitteilungen* 60: 2 (1952) 362-72.

¹⁶ Rhys Carpenter, *Folk Tale, Fiction and Saga in the Homeric Epics* (Berkeley and Los Angeles 1946) especialmente Caps. 6 e 7.

¹⁷ Para uma comparação de alguns motivos da *Odisséia* com contos populares em outras culturas, ver, por exemplo, Ludwig Radermacher, “Die Erzählungen der *Odysee*”, *Sitzungsber. Wien* 178 (1915) I-59.

ocorrências do motivo no poema como, também, estivesse preparada para ocorrências futuras¹⁸. Ao fazer isso a audiência permitia ao poeta um outro meio de unificar um tipo de poema que, por causa de sua extensão e oralidade, precisava de tal mecanismo – como, também, da cena típica e da estrutura geométrica.

Na presente instância, ao buscar elucidar a motivação da viagem de Telêmaco, chegamos ao que pode ser chamado de um “padrão de vingança” particular. A situação de Telêmaco é aquela de um homem que sofreu um ultraje ou desgraça – especificamente, a violação de sua hospitalidade por um pretendente (em seu caso, um grupo de pretendentes). Tal, também, é a situação de Menelau com respeito a Páris, de Hefesto com respeito a Ares na estória surpreendentemente reveladora do Canto VIII¹⁹, de Orestes com respeito a Egisto, e, claro, do próprio Odisseu.

Além do mais, em todas essas estórias a figura vingativa estava ausente até decretar sua vingança e retornar secretamente para o encontro do seu inimigo²⁰ – que, em todos os casos, tem vantagem em número ou em força física. Finalmente, quando o motivo está em sua forma mais completa, a personagem vingadora ausenta-se propositadamente, como parte de um plano de retaliação que ele iniciara antes mesmo de partir. Nessa forma completa, o motivo de partida e retorno inesperado para a revanche ocorre na estória de Menelau e a Guerra de Tróia, na canção de Ares e Afrodite, e no caso de Telêmaco. Os aqueus, que são os agentes de Menelau na vingança, partem em seus navios depois de deixarem o cavalo, mas voltam secretamente para terminar a destruição de Tróia²¹. Hefesto finge uma viagem a Lemnos depois de traçar cautelosamente a rede miraculosa sobre a

¹⁸ Este modo de interpretação, embora não assumo que o público relembriaria de tudo no poema, é consideravelmente diferente da visão expressa por Page (nota 8) 142: “É muito improvável que um poeta que não depende de coisa alguma, a não ser de sua memória, tanto para fazer quanto para preservar seus versos, construa seu enredo de maneira que a verdadeira significância de uma passagem anterior se faça emergir apenas à luz de uma passagem posterior, ou vice versa; exceto em concepções muito gerais e simples, integradas à estrutura principal de sua estória”.

¹⁹ 8.266-366; este é o tema da minha tese de doutorado (Berkeley).

²⁰ Clarke (supra, nota 7) 71-72, sugere origens bastante antigas para este motivo: “O retorno do dia, da primavera, das safras que sustentam e o deus que redime é um tema primário e poderoso...”.

²¹ Em 8.500-2 da *Odisséia*, Homero narra a partida. O retorno, embora não mencionado na *Odisséia*, era certamente parte do conhecimento prévio da audiência.

cama de Afrodite, e retorna inesperadamente, sem sequer ter chegado a Lemnos, para encontrar Ares pego na armadilha com Afrodite. Finalmente, Telêmaco começou sua revanche, como nós vimos, com a convocação do conselho e o anúncio do alerta aos pretendentes. Sua jornada é o segundo passo na revanche planejada, e seu retorno a Ítaca é uma surpresa especialmente grande para os pretendentes, que haviam lhe preparado uma emboscada.

Orestes e Odisseu também retornam inesperadamente de um período de ausência e realizam com êxito suas vinganças. O que falta ao motivo é, obviamente, a primeira partida da própria casa como parte da estratégia. No entanto, um padrão está claro: as estórias da Guerra de Tróia, de Ares e Afrodite (como um caso menos extenso) e aquelas de Orestes e Odisseu sugerem fortemente uma razão para a viagem de Telêmaco do ponto de vista da técnica de composição oral. Ele viaja a Pilos e a Esparta porque já iniciou um plano de vingança, e porque tal plano, para alguém no seu estado de transe desonrado, envolve um elemento importante na *Odisséia*: o elemento da partida propositada e o retorno inesperado. Telêmaco, sem dúvida, não está ciente de que está cumprindo um padrão de vingança; o padrão existe na mente do poeta. O que nossa análise do papel de Atena no Canto I revela, mais precisamente, é que Telêmaco está ciente em sua intenção de se tornar o vingador e de cumprir o que quer que esse novo papel possa demandar.

A presente interpretação tem a incidental vantagem de explicar o propósito literário de uma passagem que inquietou alguns estudiosos. Depois de dizer a Zeus seus planos para Telêmaco (1.88-95), Atena irá partir para Ítaca. Mas sua preparação é curiosa: mesmo que ela pretenda simplesmente conversar com Telêmaco, ela veste sua *καλὰ πέδιλα*, suas sandálias, e traz sua *ἄλκιμον ἔγχος*, a lança com que, diz o poeta (I.100-1),

δάμνησι στίχας ἀνδρῶν
ἡρώων, τοῖσιν τε κοτέσεται ὀβριμοπάτρη²².

²² “(...) costumava vencer / filas de heróis, ao zangar-se a nascida do pai poderoso” (tr. Carlos Alberto Nunes).

Atena está saindo para a guerra? Não exatamente, mas está para fazer com Telêmaco o mesmo que ela fará depois com Odisseu – nominalmente, levantá-lo para algo que, virtualmente, será uma guerra. Atena neste poema representa a contraparte divina do desejo de Odisseu e Telêmaco por vingança. Dessa maneira, seus vestuários e equipamentos são inteiramente apropriados, visto que ela e Telêmaco colocarão o plano de vingança em ação. De fato, o poeta associa tão intimamente as sandálias e a lança com Telêmaco e sua vingança que, em todas as outras ocorrências no texto de “*kala pedila*” e “*alkimon enchos*”, é Telêmaco quem os porta²³. Ele, por assim dizer, toma de Atena até mesmo os adornos externos, sem mencionar a íntima determinação e a energia moral, próprias do vingador convicto.

Quanto ao epíteto de Atena, ὀβριμοπάτρη (“filha de um pai poderoso”), sua associação com sua ira está aqui de acordo tanto com sua provável etimologia²⁴ quanto com suas duas outras ocorrências no poema: Atena é referida como *obrimopatê* quando está colerizada com os aqueus depois do saque de Tróia (3.132), e quando, no final do épico, ameaça Odisseu com a ira de Zeus se ele persistir em seu ataque sobre os itaquenses (24.540). Sua própria visita a Telêmaco é, por último, motivada por sua raiva contra os pretendentes, gerando dessa forma sua ânsia por conferir a Telêmaco a devida determinação por vingança.

Nesta discussão sobre o propósito da viagem de Telêmaco, duas proposições maiores emergiram, uma com respeito à caracterização de Telêmaco pelo poeta, e outra revelando uma importante faceta da sua técnica composicional. Tomando a última por primeiro: a viagem, como um passo no processo de vingança sobre os pretendentes, ilustra o método de Homero de construir ou adaptar um nexos de motivos e aplicá-lo mais de uma vez no poema; neste poema, o padrão de vingança, incluindo o motivo de ausência e o retorno inesperado anterior à vingança, ocorre ao menos cinco vezes. De maneira mais importante que fazer a tarefa do bardo mais fácil, esse método lhe permite comentar a ação principal por meio de sub-enredos – manobrados com habilidade –, digressões e *vice versa*. Pois, neste caso – e isso nos leva à

²³ 15.551, 17.4, 20.127; *alkimon enchos* sozinho ocorre apenas mais duas vezes – 21.34 e 22.25 – sem conexão com Telêmaco.

²⁴ Ver Émile Boisacq, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque* (Heidelberg and Paris 1916) 683.

outra proposição – a viagem de Telêmaco ajuda a estabelecê-lo como uma espécie de Odisseu, ou seja, como um vingador que retorna em seu próprio direito e como um herói secundário do épico. Assim como Odisseu se torna digno de ser o marido de Penélope e o rei de Ítaca através de ações – e não apenas qualquer ação, mas uma série de passos positivos em direção ao cumprimento de uma vingança pessoal e de uma justiça divina –, de maneira precisamente semelhante Telêmaco, na “Telemaquia”, gradualmente se torna digno de ser o filho de Odisseu.